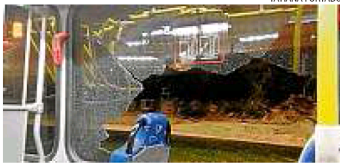


Veículo foi atingido quando seguia de Deodoro para o Parque Olímpico da Barra. Comitê informou que foi aberta investigação para apurar o caso

Ônibus tem vidros estilhaçados



Um ônibus designado pelo Comitê Organizador para o transporte de jornalistas foi atingido em Curicica, por volta das 19h45 de ontem, quando seguia de Deodoro para o Parque Olímpico da Barra. De acordo com um policial que estava embarcado, o veículo foi atacado por pedras. Os vidros estilhaçaram, mas não foram perfurados. Pelo menos duas pedras teriam acertado os vidros. Os estilhaços atingiram um voluntário

turco, que teve ferimentos leves.

Repórteres do GLOBO que fazem a cobertura dos Jogos também estavam no ônibus. De acordo com o relato dos passageiros, o barulho parecia ser de disparos. O fotógrafo Shannon Stapleton, da agência Reuters, afirmou que também teve a impressão de que o ônibus havia sido atingido por tiros.

Ao todo, 12 pessoas estavam dentro do ôni-

bus, sendo três brasileiros e nove estrangeiros. O veículo seguiu viagem até o Parque Olímpico da Barra, onde os passageiros desembarcaram.

O Comitê Organizador informou que foi aberta uma investigação para descobrir se o ônibus foi atingido por pedras ou disparo de arma de fogo.

O veículo foi escoltado por militares depois do incidente. Outros ônibus que partiram de Deodoro após o episódio também foram escoltados. ●

Horário do metrô é alvo de críticas

Público de competições olímpicas que terminam tarde da noite encontra estações já fechadas e acaba ficando sem transporte

RENAN FRANÇA e LUIZ ERNESTO MAGALHÃES
granderio@oglobo.com.br

Milhares de pessoas que assistiram à partida de vôlei feminino entre Brasil e Argentina, no Maracanãzinho, na noite de anteontem, chegaram à estação General Osório do metrô, em Ipanema, depois de 1h, quando o serviço entre a Zona Sul e a Barra (Linha 4) já estava encerrado. O problema tem provocado críticas dos passageiros, que apontam um descompasso entre o horário das competições e o do metrô.

O turista paulista Roberto Pietro contou que gastou R\$ 160 de táxi para ir da Zona Sul até o Condomínio Rio 2, na Barra, onde está hospedado, já que não conhecia outra forma de retornar. Ele só chegou às 3h:

— No Maracanãzinho, não houve qualquer comunicado pelo alto-falante de que poderia não dar tempo de voltar usando a Linha 4. Do contrário, teríamos nos planejado. O deslocamento depois do jogo é demorado, pois temos que caminhar até a estação São Francisco Xavier. Assim como nós, milhares de pessoas tiveram o mesmo problema. Isso tem que ser revisto.

De domingo para segunda-feira, o problema ocorreu no sentido oposto. Cerca de três mil pessoas chegaram à estação Jardim Oceânico, na Barra, querendo utilizar a Linha 4 para chegar a Ipanema e encontraram o lugar fechado. O consórcio BRT, que oferece o serviço de ônibus expresso em direção ao Centro de madrugada, levou os passageiros, passando pela Zona Sul.

HORÁRIOS DAS LINHAS NÃO SÃO ALINHADOS

Falta alinhamento nos horários de cada serviço do metrô. A Linha 2 (Pavuna-Botafogo), por exemplo, fecha à meia-noite. A Linha 4, à 1h, e a Linha 1 (Uruguai-General Osório), à 1h30m. Além disso, informações desencontradas ajudam a aumentar a confusão. Uma passageira contou ao “Bom dia, Rio”, da TV Globo, que fora informada na bilheteria da estação Uruguai que todo o sistema fecharia à 1h30m.

O prefeito Eduardo Paes convocou uma reunião para tratar do tema na segunda-feira. Ficou decidido que a comunicação entre a organização e o público teria que ser mais efetiva, para evitar a repetição dos problemas.

— Houve um ruído na comunicação, e decidimos deixar as coisas mais claras. Nosso conselho é: aqueles que quiserem ter certeza de que não vão perder a integração do BRT com o metrô da Linha 4 deverão deixar as arenas mais cedo — disse Rafael Picciani, secretário executivo de Governo.

Segundo ele, se o espectador sair à meia-noite, terá tempo necessário para fazer a integração de forma tranquila.

Esta semana, por exemplo, as finais das provas de natação, na Barra, começam às 22h e terminam na madrugada do dia seguinte. Ou seja, se o espectador quiser ir para casa usando o metrô, terá que, eventualmente, perder disputas, a fim de embarcar antes de 1h.

ENGENHEIRO: SUGESTÃO DE SECRETÁRIO É ABSURDA

Para o engenheiro de transporte Ronaldo Balasiano, professor da Coppe/UFRJ, a recomendação do secretário para o espectador sair mais cedo é absurda. Ele afirma que o ideal é que haja, no mínimo, a padronização dos horários entre as linhas.

— Quem é que vai sair mais cedo de uma final olímpica? No caso do planejamento de transporte, é preciso padronizar o horário para que o usuário não se confunda — diz Ronaldo. — Não vejo qualquer impedimento técnico para que a operação seja prolongada por mais alguns minutos.

Outro engenheiro de transporte, Alexandre Rojas, também contesta a sugestão de sair mais cedo das arenas. Segundo ele, como as linhas 1 e 4 se conectam, as duas deveriam fechar à 1h30m.

— São apenas duas semanas de Olimpíada. Vale o esforço da operação, porque não se compara o deslocamento de um metrô com o de um BRT. Pedir ao usuário para sair mais cedo não é nada razoável.

Segundo a concessionária Metrô Rio, os horários estabelecidos garantem “o tempo mínimo necessário para a realização da manutenção dos sistemas, vias permanentes, sinalização, energia, limpeza de estações e trens, entre outros itens, após o fim das operações diárias”. A empresa informou que esse trabalho mobiliza cerca de 600 profissionais. Ainda de acordo com a concessionária, quando o metrô fecha, tem



Multidão. Passageiros na estação São Cristóvão do metrô após encerramento da cerimônia de abertura, na sexta-feira

início o serviço complementar do BRT, “conforme programação alinhada com o comitê organizador e a prefeitura”.

A Secretaria estadual de Transportes disse que seu posicionamento sobre a questão é o mesmo da concessionária. Destacou ainda que o plano de operação foi feito em conjunto com a Secretaria municipal de Transportes e o Comitê Olímpico Internacional. Já a Secretaria municipal de Transporte informou que entregou áudios, com mensagens destinadas aos espectadores, que devem ser

reproduzidos dentro das arenas. Disse ainda que cabe ao Comitê Rio 2016 explicar como é executado o trabalho de avisar o público sobre os melhores horários de saída das instalações esportivas.

Ontem, por volta das 18h30m, a estação do BRT do Parque Olímpico precisou ser fechada por dez minutos. O motivo foi que a chegada do público para as competições noturnas coincidiu com a saída das pessoas que tinham ido assistir às provas diurnas. Houve então um bloqueio temporário, para o escoamento do público. ●

CRÔNICA DO DIA



ARNALDO BLOCH

O pregobol poderia virar esporte olímpico

Cada um tem as suas idiossincrasias, sempre associadas a algum tipo de idealização do que seja o genuíno. Fernando Sabino achava que nada do que foi produzido depois do *diexeland* de New Orleans (anos 1910-1925) poderia ser chamado

de jazz, o que excluía, por exemplo, Evans, Parker, Coltrane, Miles. Big bands e bebop.

Um jornalista que passou aqui pelo GLOBO dizia que caqui e melão não são "frutas de verdade", que fruta é uva, maçã, de acordo com uma lógica que não conseguia explicar.

O mundo olímpico é pródigo em provocar essas impicâncias. Nunca consegui entender que se chame de esporte um espetáculo lamentável como o pólo aquático. Manter no rol de uma competição olímpica algo que, no máximo, tangencia uma brincadeira de piscina de veraneio ou de clubinho, então, é constrangedor.

E o handebol? É coisa de recreio de escola. Por essa lógica, incluía-se o racha e o queimado.

De uma forma geral, todos os esportes coletivos me parecem meio fora do arco olímpico. Futebol, vôlei (de praia, então...), basquete, tênis, são disciplinas de torneio, e só. Há campanhas para incluir o futivôlei.

Olimpíada, "de verdade", é luta greco-romana. É levantamento de peso. É natação. É atletismo e ginástica. São os cem metros rasos. São indivíduos que vão lá, dos cafundós de onde estão até o fim do mundo, mostrar o que sabem, o que podem, até onde vão. São heróis da superação.

São mulheres de 160 quilos lançando martelos. Magrelos obstinados vencendo maratonas. Velhos com arco-e-flecha. Corpos fazendo piruetas impossíveis. Combates cuja origem data de milênios. Capa e espada.

Que diabos está fazendo o pingue-pongue numa olimpíada? Pingue-pongue é modalidade de playground. E aquelas mesinhas cercadas por arquibancadas das quais só se vê a bola com a ajuda de telescópio espacial? Por que não futebol de botão? Estão vendendo tabuleirinhos de pregobol em todas as esquinas durante os Jogos. Merece um upgrade. ●